

PARA UMA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO BASEADA NA PRAXIS

E.M. BARTH (State Univ. of Groningen)

(Tradução de Silvia B. Terzi)

Muitos intelectuais estão, provavelmente, mais familiarizados com os princípios e o mundo conceitual da filosofia marxista do que com a filosofia analítica. Há uma certa superposição - mínima no presente, mas crescente. É especialmente ao primeiro grupo que me dirijo neste trabalho, ao mesmo tempo que espero sintetizar várias tendências contemporâneas, de tal forma que os filósofos da linha analítica possam também tirar algum proveito.

Os filósofos marxistas dirão - com razão - que sua filosofia é uma reação contra (entre outras coisas) o idealismo filosófico alemão com suas especulações grandiosas e anti-práticas sobre o suposto mundo imaterial. O que é chamado de "filosofia analítica" é uma reação diferente ao idealismo alemão (assim como ao neo-tomismo e a outros sistemas de pensamento baseados em suposições especulativas). Embora a denominação não deixe isto claro, este fato se torna visível se se subsumir idealismo (e neo-tomismo) à "filosofia especulativa". Pode-se dizer, então, que marxismo e materialismo em geral, positivismo e neo-positivismo, existencialismo (a partir Sören Kierkegaard), pragmatismo (a partir de Charles S. Pierce), e filosofia analítica (a partir de G.E. Moore e Bertrand Russell), surgiram todos como reações à filosofia especulativa (entre outras coisas). Há, além disso, o estimulante campo de pesquisa conhecido como "história das idéias", que foi iniciado por Arthur Lovejoy. Mais recentemente, surgiu também uma história sincrônica das idéias, representada por Michel Foucault e que, para seu pesar, é às vezes chamada de "estruturalismo". Provenientes de preocupações técnicas e tendências diferentes, todas estas escolas criticam - tanto explicita como implicitamente - a velha filosofia especulativa, quer como um todo, quer em alguns de seus aspectos.

Em geral, estas escolas modernas levam vida independente com pouco contato ou com um contato não positivo entre si; para mim, isto é uma tragédia cultural de primeira ordem. Cada escola se relaciona com cada uma das demais de maneira crítica, quase que exclusivamente negativa, sem qualquer tentativa de manter uma discussão contínua. E a tônica da crítica é em geral... que a escola em questão apresenta características "idealistas"! Este insulto é usado reciprocamente. Embora as acusações sejam, com

freqüência, sumamente exageradas, há em geral algo de verdadeiro nesta denúncia, independentemente de qual escola está sendo o alvo do ataque. E, honestamente, como poderia ser diferente? Para começar, a emancipação no que se refere às antigas formas de pensamento só pode estar incompleta, e a filosofia "idealista" não se encontra muito aquém de nós.

A maioria das filosofias do séc. XIX, e particularmente a filosofia idealista era caracterizada por uma visão mais ou menos francamente "monológica" e literalmente egocêntrica da lógica, da epistemologia, e freqüentemente também da ética e da meta-ética. O Pensador, ou a Mente pensante - no singular - era o único ator no teatro filosófico. Havia apenas um papel lógico - epistemológico a ser preenchido. Observa-se que isto se mantém (1) para a lógica Hegeliana (freqüentemente chamada de "dialética"), assim como (2) para a lógica "formal" do séc. XIX e - como parecia até muito recentemente - (3) para a lógica moderna, nas suas vestes usuais (das quais a axiomática é provavelmente a mais conhecida).

No que se refere à lógica moderna, entretanto, a situação - vista mais de perto - veio a muito diferente do que se podia ter pensado (e freqüentemente se pensou). Pois, por volta de 1960, o matemático e filósofo alemão P. Lorenzen, a partir do trabalho do lógico holandês E.W. Beth, mostrou que a lógica moderna elementar (que tem sua origem em Gottlob Frege, 1879) pode ser formulada como um conjunto de regras para discussões críticas. Lorenzen opera com dois, não um, papéis lógicos (ou dialéticos), um chamado "Proponente" e o outro, "Oponente". Isto é, ele formula uma estrutura dialética da lógica formal (formalizada) moderna. Ele faz isto tanto para a lógica bivalente (lógica do verdadeiro - falso) como para a chamada lógica construtiva.

Como conseqüência desta reformulação das partes básicas dos aspectos mais conhecidos da lógica moderna (simbólica ou matemática), uma distinção sistemática entre lógica "dialética" e lógica "formal" não pode já ser sustentada (embora, naturalmente, ela possa existir artificialmente na mente das pessoas, por referências apenas às formas históricas da lógica, que datam de antes da inovação de Frege). Isto quer dizer que temos atualmente a oportunidade de efetuar uma síntese das chamadas lógica "dialética" e lógica "formal", previamente tratadas como separadas conceptualmente; em outras palavras, efetuar uma síntese de fenômenos aparentemente contrários - uma façanha que tem sido o ideal de tantos pensadores através dos séculos (e, paradoxalmente, particularmente dos filósofos "idealistas").

O fato de que mostrou-se ser possível uma análise dialógica da lógica moderna é extremamente encorajador para a busca de uma futura teoria da argumentação. De fato, esta lógica dialógica (ou lógica do diálogo), como é chamada, merece ser a pedra-angular da teoria da argumentação - o esqueleto, ao redor do qual inúmeros outros tópicos deveriam ser tecidos a fim de guarnecer os ossos com carne, sangue e roupas. Mencionarei alguns dos tópicos mais importantes que uma teoria da argumentação concebida de forma ampla - como eu a vejo - deveria tratar. Todas as pessoas abaixo mencionadas, com exceção de Jürgen Habermas (Alemanha Ocidental), pertencem à filosofia analítica. A listagem está longe de ser completa, e deixa de fora um grande número

ro de nomes.¹

1. Problemas de interpretação de afirmações feitas durante uma discussão.

O conceito comunicativo de "precization" (alemão Präzisierung), introduzido e definido por Arne Naess (Noruega), entra aqui. Suponhamos uma opinião expressa, primeiramente, por meio de uma formulação F_0 . Uma formulação posterior, F, é chamada uma "precization" de F_0 quando F elimina algumas possibilidades de interpretação que poderiam ser dadas a F_0 , sem propiciar qualquer interpretação nova que não possa ser dada também a F_0 . Não há afirmações que sejam "absolutamente precisas"; esta velha noção pertence às formas mais antigas de filosofia (analítica), onde se encontram o conceito de uma Linguagem Logicamente Ideal e a "teoria pictórica" da linguagem de Wittgenstein. Uma formulação pode apenas ser mais ou menos precisa que uma outra formulação e isto vai contra a idéia bastante comum de que se pode falar em "o significado de uma expressão".

2. Modelos para discussão racional a dialética formal

Karl Popper (Áustria e Grã-Bretanha) teve, sem dúvida, um papel importante estimulando muitas pessoas a pensarem nesta direção. Na Alemanha, seu trabalho tem sido retomado e continuado por Hans Albert e outros partidários do "racionalismo crítico" (ou criticismo racional). Há importantes contribuições anteriores, de uma natureza descritiva ao invés de normativa, por Ch. Perelman e L. Olbrechts-Tyteca (Bélgica) e por S.L. Toulmin (E.U.A.), que datam dos anos 50; mas não se pode dizer que eles sejam dialéticos, visto que não estudam a interação (Wechselwirkung) entre as "jogadas" verbais feitas pelos participantes num conflito de opinião. Contribuições mais ou menos "formais" à dialética verbal foram feitas anteriormente por Arne Naess, e mais recentemente por C.L. Hamblin (Austrália), e por Nicholas Rescher (E.U.A.); veja também o item 3, abaixo. A expressão "dialética formal" foi introduzida por Hamblin.

3. Lógica dialógica - lógica erística, lógica formulada como sistema de normas para "jogadas" em discussões polêmicas (alemão Streitgespräche). Devemos a formulação das lógicas modernas como sistemas de tais regras a P. Lorenzen (Alemanha Ocidental), seguido por Kuno Lorenz (Alemanha Ocidental) e outros. Conforme foi dito acima, esta estrutura da lógica vai contra a velha noção do papel do "Pensador" como um conceito fundamental em filosofia, já que Lorenzen opera com dois participantes, ou funções; o Proponente e o Oponente. Por isso, esta estrutura da lógica merece o nome de dialética. Em outras palavras, a lógica moderna é (agora) dialética. A seguir, usa rei a palavra "dialética" no sentido de "criticamente dialógica".

4. Desenvolvimento de linguagens dialeticamente úteis, isto é, linguagens que são otimamente adequadas para a condução de discussões polêmicas. Chamemos de "Argumental" uma linguagem com propriedades tais que lhe permitam encorajar e sustentar discussão devido a suas qualidades como um instrumento para a resolução de conflitos de opinião. Ela terá que permitir a construção de sistemas de dialética formal, isto é, regras para "jogadas" em uma discussão emergindo de um conflito de opinião. Não sabemos hoje como será a "Argumental" quando estiver totalmente desenvolvida. É claro que ela terá que nascer de partes próprias das linguagens "naturais". Ela terá que incorporar a lógica fregueana e pós-fregueana, para as quais - graças a Paul Lorenzen e outros - sistemas de dialética formal já estão disponíveis. Ela será livre dos traços passageiros (cf. Russell) - das velhas atitudes contra ou anti-argumentativas. Não podemos, entretanto, evitar o fato de que ela conterá sedimentos das visões contemporâneas muito gerais quanto aos ingredientes e à estrutura do mundo. Tais visões podem mudar. Por isso ela não pode ser uma linguagem permanente, mas sofrerá revisão à medida que a visão ontológica evolui no grupo que a usa. Similarmente, ela provavelmente nunca será uma linguagem, mas várias linguagens com um núcleo comum relativamente simples.

Isto é algo bem diferente de se procurar "a única e exclusiva língua logicamente ideal", que é o que Russell no início, Wittgenstein na sua 1ª. fase, e muitos outros filósofos analíticos fizeram nas primeiras décadas deste século.

5. Falácias - Este é um velho tópico, ao qual filósofos idealistas e lógicos idealistas não prestaram qualquer atenção. Talvez a contribuição recente mais séria seja aquela de C.S. Hamblin (Austrália); as publicações de John Woods e Douglas Walton (Canadá) deveriam também ser mencionadas.

6. Regras para comportamento verbal e outros comportamentos que ajudarão a promover ou melhorar um clima de discussão. Aqui também as recomendações profundas e de bom senso, mas originais, de Arne Naess devem ser enfatizadas, particularmente em sua crítica às teses do Círculo de Viena. Jürgen Habermas retomou a questão de como evitar a situação onde um participante, num conflito de opinião ou interesse, monopoliza ou domina a discussão pela força ou por referência à autoridade (o ideal da Herrschaftsfreie Diskussion; claramente, este ideal teve de ser reintroduzido na Alemanha após a Segunda Guerra Mundial).

7. Grupo dialético. A expressão "grupo" de debatedores, ou debatedores potenciais, num significado não universal, deriva de R. Crawshaw-Williams (Grã-Bretanha). (Veja também item 10, abaixo). Perelman e Olbrechts-Tyteca discutiram proprieda

des da "audiência". As funções epistêmicas da "audiência científica universal" são enfatizadas e discutidas por A.D. Groot (Países Baixos).

8. Modelos de aposta. Tais modelos têm sido descritos em conexão com a lógica "dedutiva" (lógica da certeza) por Robin Giles (Canadá), e em conexão com a lógica "indutiva" por W. Hofstee e W. Molenaar nos Países Baixos. Também esses modelos são direcionados contra a concepção anterior de "a pessoa que raciocina (indutivamente ou dedutivamente)", no singular.

9. Estatística antagônica - é um desenvolvimento recente em estatística muito similar à lógica dialógica em sua estrutura de dois papéis (M. I. Movick, E.U.A.).

10. Conexões com a teoria da ação - elaboradas por L. Apostel (Bélgica).

11. A reformulação das teorias semânticas modernas - Há muito a ser feito aqui. Naess me parece ter sido o primeiro a ver isto. A semântica de jogos de Jaakko Hintikka (Finlândia, agora E.U.A.), que lembra muito a lógica dialógica de Lorenzen, é uma contribuição teórica importante; uma outra é a análise da lógica quântica como lógica dialógica, por Peter Mittelstaedt (Alemanha Ocidental). Seus contemporâneos C.H. Heidrich e A.Gürther estudaram diálogo em geral e querem encaixar sua semântica "intensional" moderna. A teoria de atos de fala, especialmente os trabalhos de H. Grice (E.U.A.) deveria também ser mencionada. A teoria de modelos em lógica e semântica, deve-se a Alfred Tarski (Polônia, E.U.A.) e seus alunos, por exemplo, Richard Montague (E.U.A.) e outros. Saul Kripke (E.U.A.) é famoso por sua análise em termos de teoria dos modelos dos fundamentos conceptuais da lógica modal e da lógica construtiva moderna ("lógica intuicionista"). Na teoria de modelos, os modelos para a lógica usualmente contêm os valores Verdade e Falsidade. Kripke mostrou que substituindo verdadeiro e falso por conhecido e desconhecido, a lógica construtiva é mais facilmente compreendida e descrita. Entretanto, é possível ir além: na teoria de modelos da lógica moderna, os predicados verdadeiro e falso, ou, como em Kripke, conhecido e desconhecido - podem ser substituídos pelos predicados de acordo e não-de-acordo. Por isso a lógica moderna, estabelecida como dialética formal, pode ser fundada, semanticamente, na praxis da própria discussão (E.M. Barth e E.C.W. Krabbe, Países Baixos).

Para muitos fins, embora não para todos, os valores "Acordo" e "Não-Acordo" podem (e deveriam) ser considerados como noções filosóficas básicas e até mesmo centrais. É claro que uma afirmação com a qual todos concordam pode ser falsa (como parecem teorias antigas sobre a forma da terra, sua posição no cosmos, etc.). Conseqüentemente não se pode - como Jürgen Habermas diz que se deveria - definir Verdade como um acordo universal supremo ou "ideal"; agir assim seria muito perigoso. Os valores não

dialéticos Verdade e Falsidade são ainda necessários como conceitos regulativos, mas eles deveriam ser vistos como independentes dos valores Acordo e Não-Acordo (entre os oponentes). A relação correta entre esses dois conjuntos de valores semânticos pode, em minha opinião, ser sintetizada na seguinte recomendação:

Não considere discussões com outras pessoas como um meio para chegar à verdade, mas como um meio para chegar à dúvida no que concerne a suas próprias convicções; e tente, usando seus próprios sentidos e capacidades, investigar o que é verdadeiro a fim de chegar finalmente ao acordo com os outros.

Mais resumidamente, em forma de slogan:

Acordo através da verdade,
a não verdade através de acordo!

A noção monológica de "verdade" não pode ser ignorada como um instrumento para se alcançar acordos valiosos. Mas deve-se ser compreendido e tomado seriamente em filosofia que quando A e B não concordam, então uma simples referência à verdade, sem maiores informações, não tem valor. Também neste sentido, a noção de Acordo é fundamental, e pode substituir a de Verdade na semântica baseada na teoria dos modelos.

11. O estudo de atitudes anti-dialéticas, de conceitos anti-dialéticos de racionalidade, e de aspectos anti-dialéticos das linguagens "naturais" correntes.

Esta é uma tarefa que tenho empreendido, inspirada nas publicações dos autores acima referidos e outros, entre as quais quero mencionar a magnífica análise de Walter J. Ong (E.U.A.) da "decadência do diálogo" na cultura européia após a Idade Média, devida em parte ao impacto dos escritos de Petrus Ramus (Pierre de la Ramée), por volta de 1500. A intenção é descobrir e entender as raízes dos elementos das linguagens "naturais" (herdadas) em suas formas correntes, assim como das lógicas anteriores, que impossibilitarão discussões ou que obstruirão seu curso e eficácia; e, além disso, desvelar as estruturas sociais e psicológicas que impedem ou inibem as discussões críticas.

Considere a seguinte situação:

	Olga	O Papa
(As concessões de Olga, que o Papa pode usar em sua defesa de T)	<p>.....</p> <p>.....</p> <p>.....</p> <p>.....</p>	<p style="text-align: center;">T (tese do Papa)</p>

Suponha que o desacordo de Olga com T, a Tese do Papa, tenha sido verbalizado e levado ao conhecimento do Papa.

Problema: Quais são, nesta situação e em situações similares, os fatos pertinentes à linguagem e às concepções racionalistas que impedem uma discussão crítica?

Para se chegar a uma resposta completa a esta questão ter-se-á que investigar muitos e diversos tópicos de diferentes campos de pesquisa, alguns deles da filosofia no sentido estrito, mas também da lingüística, da psicologia, do direito, e de outros campos. Permita-se-me mencionar alguns tópicos obviamente relevantes: o estudo da representação de sentenças na mente humana (algo que a psicolingüística contemporânea investiga); o estudo psicológico dos sistemas de crenças (como o de R. Abelson, E.U.A.), a teoria de ação (L. Apostel, Bêlgica); teorias linguísticas e lógicas da negação ("modos de oposição", cf. F. van Dun, Bêlgica); a semântica prototípica (E. Rosch, E.U.A.), assim como outras investigações sobre pensamento e fala com relação a tipos e termos "genéricos" e a classificação e estudo de formas de sentenças para as quais não podem ser formuladas regras de discussão; a pré-história da filosofia das chamadas funções semânticas e a expressão destas através dos tempos (um tópico discutido por mim em várias publicações); a filosofia e teologia de uma hierarquia de mentes humanas; e sua conexão com o que Prior denominou lógica egocêntrica; e por último, a filosofia do ridículo.

A teoria da Argumentação é um campo de pesquisa muito recente, mas um campo sério. Ela tem o potencial para reunir pessoas dos mais diversos lugares e com os mais diversos interesses. Ela não deve ser reduzida meramente a mais uma moda intelectual, a uma nova forma de vida acadêmica isolada, em competição com outros estudos de outras especializações e "escolas". Sobretudo, a dialética filosófica não deveria ser tomada como propriedade de uma escola, qualquer que seja. O que fiz aqui foi relatar contribuições de filósofos analíticos para uma dialética filosófica na esperança de que possamos trabalhar juntos na construção de um aparato que possa ajudar-nos a lidar com nossos problemas reais de uma maneira civilizada. Pode ser irrealista acreditar em tal projeto, mas onde não há crença, ainda pode haver esperança. E, quando não há esperança tampouco - então trabalhemos como Sísifo!

NOTA

- 1) Uma bibliografia cronológica selecionada, listando mais de 200 contribuições de 1725 até o presente, encontra-se em: E.M. Barth e J.L. Martens (eds.), Argumentation: Approaches to Theory Formation. Proceedings of a Symposium on the Theory of Argumentation. Groningen, October 11-13, 1978. John Benjamins: Amsterdam, 1981.

BIBLIOGRAFIA

- ABELSON, R.P. (1973) The structure of belief systems. In: Computer Models of Thought, eds. Schank, R.C. and Colby, K. San Francisco: W.H. Freeman.
- ALBERT, H. (1975) [1968] Traktat über kritische Vernunft. Tübingen: Mohr.
- APOSTEL, L. (1978a) Communication et action. Gent: Communication and Cognition Press.
- _____, (1978b) Persuasive communication as metaphorical discourse under the guidance of conversational maxims. Logique et Analyse 87: 265-320.
- APOSTEL, L., ed. (1974) Negation. Gent: Communication and Cognition Press.
- BARTH, E.M. (1974) The Logic of the Articles in Traditional Philosophy. A Contribution to the Study of Conceptual Structures. Dordrecht and Boston: Reidel: Translation of De logica van de lidwoorden in de traditionele filosofie, Leiden 1971: Leiden University Press.
- _____, (1977) Phenomenology, grammar, or theory of argumentation? A plea for meta-philosophical change, applied to the problems of nominalization and of negation. Cultural Hermeneutics 4: 163-182.
- _____, (1979) Perspectives on Analytic Philosophy. Amsterdam: North-Holland. (Mededelingen der Koninklijke Nederlandse Akademie van Wetenschappen, Afdeling Letterkunde, nieuwe reeks 42 (2).)
- _____, (1981) Reconstruction of Hegelian and other idealistic logic in Germany around 1810. In: Konzepte der Dialektik, eds. W. Becker and W.K. Essler, pp. 47-65. Frankfurt-on-Main: Klostermann.
- BARTH, E.M. and Krabbe, E.C.W., (1982) From Axiom to Dialogue. A Philosophical Study of Logics and Argumentation. Berlin and New York: Walter de Gruyter. (Foundations of Communication Series, ed. Roland Posner.)
- BARTH, E.M. and Martens, J.L. (1977) Argumentum an hominem: From chaos to formal dialects. The method of dialogue-tableaux as a tool in the theory of fallacy. Logique et Analyse n.s. 20 (77/78): 76-96.
- _____, (1982) Argumentation: Approaches to Theory Formation: Containing the Contributions to the Groningen Conference on the Theory of Argumentation, October 1978. Amsterdam: John Benjamins. (Studies in Language Companion Series 8, eds. John W.M. Verhaar and Werner Abraham.)
- BETH, E.W. (1955) Semantic Entailment and Formal Derivability. Amsterdam: North-Holland.

(Mededelingen der Koninklijke Nederlandse Akademie van Wetenschappen, Afdeling Letterkunde, nieuwe reeks 18 (13)). Reprinted.

Reprinted in: The Philosophy of Mathematics, ed. K.J.J. Hintikka, pp. 9-41. London etc.: Oxford University Press.

CRAWSHAY-WILLIAMS, R. (1957) Methods and Criteria of Reasoning. An Inquiry into the Structure of Controversy. London: Routledge and Kegan Paul.

DE GROOT, A.D. (1969) Methodology. Foundations of Inference and Research in the Behavioral Sciences. The Hague: Mouton. Translation of Methodologie. Grondslagen van onderzoek en denken in de gedragswetenschappen. The Hague 1961: Mouton.

GILES, R. (1976) A logic for subjective belief. In: Foundations of Probability Theory, Statistical Inference, and Statistical Theories of Science. Proceedings of an International Research Colloquium held at the University of Western Ontario. London, Canada. 10-13 May 1973, I: Foundations and Philosophy of Epistemic Application of Probability Theory, eds. W.L. Harper and C.A. Hooker, pp. 41-72. Dordrecht and Boston: Reidel.

GRICE, H.P. Logic and Conversation (William James Lectures, ms.)

GÜNTHER, A. (1977a) Der Begriff der Dialogbasis. In: Konstituenten dialogischer Kommunikation, ed. C.H. Heidrich. Hamburg: Buske.

—————, (1977b) Dialogkonstruktionen auf der Basis logischer Ableitungen. Hamburg: Buske. (IKP-Forschungsberichte, Reihe I, Band 68.)

HABERMAS, J. (1973) Wahrheitstheorien. In: Wirklichkeit und Reflexion. Walter Schulz zum 60. Geburtstag, ed. H. Fahrenbach, pp. 211-265. Pfullingen.

HAMLIN, C.L. (1970) Fallacies. London: Methuen.

—————, (1971) Mathematical models of dialogue. Theoria 37: 130-155.

HEIDRICH, C.H. (1977) Intensionale Analysen von Sprechhandlungen. Hamburg: Buske. (IKP-Forschungsberichte, Reihe I, Band 63.)

HEIDRICH, C.H. ed. (1977) Konstituenten dialogischer Kommunikation. Hamburg: Buskes. (IKP-Forschungsberichte, Reihe I, Band 63.)

HINTIKKA, K.J.J. (1968) Language-games for quantifiers. In: Studies in Logical Theory.

ed. N. Rescher. Oxford; Plackwell. (American Philosophical Quarterly Monograph Series 2, ed. N. Rescher.)

HINTIKKA, K.J.J. (1973) Logic, Language-Games and Information, Kantian Themes in the Philosophy of Logic. Oxford: The Clarendon Press.

HOFSTEE, W.K.B. (1980) De empirische discussie. Meppel: Boom.

KRABBE, E.C.W. (1978) The adequacy of material dialogue-games. (Notre Dame Journal of Formal Logic 19: 321-330.

—————, (1982) Studies in Dialogical Logic. Dissertation, Groningen State University.

LORENZ, K. (1961) Arithmetik und Logik als Spiele. Inaugural dissertation, Kiel University. Selection reprinted in: Lorenzen, P. and Lorenz, K., Dialogische Logik, pp. 17-95.

—————, (1973) Rules versus theorems: A new approach for mediation between institutionalistic and two-valued logic. Journal of Philosophical Logic 2: 352-367.

LORENZEN, P. (1961) Ein dialogisches Konstruktivitätskriterium. In: Infinistic Methods. Proceedings of the Symposium on the Foundations of Mathematics, Warsaw, 2-9 September 1959, ed.

pp. 193-200. Oxford etc.: Pergamon Press, and Warsaw: Państwowe wydawnictwo naukowe. Reprinted in: Lorenzen, P. and Lorenz, K., Dialogische Logik, pp. 9-16.

—————, (1969) Normative Logic and Ethics. Mannheim etc.: Bibliographisches Institut. (The John Locke Lectures 1967-68, Oxford.)

LORENZEN, P. and Lorenz, K. (1978) Dialogische Logik. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.

MITTELSTAEDT, P. (1978) Quantum Logic. Dordrecht and Boston: Reidel.

NAESS, A. (1953) Interpretation and Preciseness. A Contribution to the Theory of Communication. Oslo. (Det Norske Videnskaps-Akademi i Oslo. Skrifter II, Historisk, Filosofisk Klasse, No. 1.)

—————, (1956) Wie fördert man heute die empirische Bewegung? Eine Auseinandersetzung mit dem Empirismus von Otto Neurath und Rudolph Carnap. Oslo: mimeographed. (Filosofiske Problemer 19, Institutt for Filosofi, Universitetet i Oslo.)

- NAESS, A. (1966) Communication and Argument. Elements of Applied Semantics. London: Allen and Unwin, and Oslo: Universitetsforlaget. Translation of En del elementaere logiske emner, Oslo 1947: Universitetsforlaget.
- , (1975) Kommunikation und Argumentation. Eine Einführung in die angewandte Semantik. Kronberg: Scriptor Verlag. Translation of En del elementaere logiske emner, 11th edition (1975).
- NAESS, A., Christophersen, J.A.; and Kvalø, K. (1956) Democracy, Ideology, and Objectivity. Studies in the Semantics and Cognitive Analysis of Ideological Controversy. Oslo.
- OLBRECHTS-Tyteca, L. (1974) Le comique du discours. Brussels: Editions de l'Université de Bruxelles.
- ONG, W.J. (1974) [1958] Ramus, Method, and the D cay of Dialogue. From the Art to Discourse to the Art of Reason. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- PARRET, H. (1980) Contexts of Understanding. Amsterdam: John Benjamins. (Pragmatics and Beyond. An Interdisciplinary Series of Language Studies. eds. Parret , H. and Berschueren, J, No. 6.)
- PERELMAN, Ch. (1963) The Idea of Justice and the Problem of Argument. London: Routledge and Kegan Paul.
- , (1977) L'Empire rhétorique. Rhétorique et argumentation. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin.
- PERELMAN, Ch., and Olbrechts-Tyteca, L. (1958) Traité de l'argumentation. La nouvelle rhétorique. Presses Universitaires de France.
- , (1969) The New Rhetoric. A Treatise on Argumentation. Notre Dame. Ind. and London: University of Notre Dame Press. Translation of Traité de l'argumentation. La nouvelle hétéorique.
- POPPER, K. (1973) [1934] Logik der Forschung. Tübingen: Mohr.
- , (1972) [1959] The Logic of Scientific Discovery. London:Hutchinson.
- RESCHER, N. (1977) Dialectics. A Controversy-Oriented Approach to the Theory of Knowledge. Albany, N.Y.: State University of New York Press.
- ROSCHKE, E. (1975) Universals and cultural specifics in human categories. In: Cross-Cultural Perspectives on Learning, eds. Brislin, R.; Bochner, S.; and Lonner, W., NY: Halsted.

- SAARINEN, E., ed. (1979) Game-Theoretical Semantics. Dordrecht and Boston: Reidel.
- SEARLE, J.R. (1969) Speech Acts. An Essay in the Philosophy of Language. Cambridge: Cambridge University Press.
- TOULMIN, S.E. (1958) The Uses of Argument. Cambridge: Cambridge University Press.
- , (1975) Der Gebrauch von Argumenten. Kronberg: Scriptor Verlag. Translation of The Uses of Argument.
- VAN DUN, F. (1972) On the modes of opposition in the formal dialogues of P. Lorenzen. In: Negation, ed. L. Apostel, pp. 103-136 (= Logique et Analyse 15 (57/58)).
- VAN EEMEREN, F.H., and Grootendorst, R. (1983) Speech Acts in Argumentative Discussions. A Theoretical Model For the Analysis of Discussion Towards Solving Conflicts of Opinion. Dordrecht: Foris Publications (in press).
- VAN EEMEREN, F.H.; Grootendorst, R.; and Kruijer, T. (1982) The Study of Argumentation. New York: Irvington. Translation of Argumentatietheorie, Utrecht and Antwerp 1978: Het Spectrum.
- WALTON, D. (1983) The Ad Hominem Fallacy. A Study in the Logical Pragmatics of Criticism. Amsterdam: John Benjamins (in press). (Pragmatics and Beyond Series 4 (4), ed. Herman Parret.)
- WOODS, J. (1977) Towards a theory of Argument. Metaphilosophy 8: 298-315.
- WOODS, J., and Walton, D. (1972) On fallacies. Journal of Critical Analysis 4:103-112.
- , (1976) Fallaciousness without invalidity. Philosophy and Rhetoric 9: 52-54.